



Identidade étnica e Território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Identidade étnica e território chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)

Aloir Pacini

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do IFCH/UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva

Porto Alegre
06/03/2012

Ficha catalográfica

Pacini, Aloir.

Identidade étnica e território chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)

/ Aloir Pacini Porto Alegre IFCH/UFRGS: [s.n.], 2012.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto de Filosofia e Ciências Sociais / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

Palavras-chaves: 1. *Território* 2. *Fronteira*. 3. *Identidade Étnica* 4. *Chiquitano*

Título em inglês: Chiquitano territory and ethnic identity in the landscape (Bolivia - Brazil)

Keywords: 1. *Territory* 2. *Frontiers* 3. *Ethnic identity* 4. *Chiquitano*

Área de concentração: Antropologia.

Titulação: Doutor em Antropologia Social.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva (*Orientador*)

Prof. Dr. Jürgen Riester (APCOB, Bolívia)

Professora Doutora Joana Fernandes Aparecida Silva (UFG)

Prof. Dr. Pablo Wright (UBA, Argentina)

Professora Doutora Denise Fagundes Jardim (UFRGS)

Data da defesa: 6/03/2012 às 14:30 horas.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.



LISTA DE SIGLAS E FONTES

- ABNB MI: Archivo e Biblioteca Nacional de Bolivia - Ministerio del Interior;
- ABNB: Archivo e Biblioteca Nacional de Bolivia (Sucre);
- ACMP RdT: Archivo Casa de Moneda de Potosí (Ramo de Temporalidades);
- ACSCS: Archivo da Catedral de Santa Cruz de la Sierra;
- AHU NDIHR: Arquivo Histórico Ultramarina do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT;
- AGI: Archivo General de Indias (Sevilha, Espanha): Charcas; Lima; Buenos Aires;
- AGNA: Archivo General de la Nación Argentina (Buenos Aires);
- AI: Área Indígena;
- AMCh: Archivo Musical de Chiquitos;
- APAC: Asociación Pro Arte y Cultura
- APCOB: Apoyo para el campesino-indígena del oriente boliviano;
- APEMT: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.
- APT SI: Archivo Provincia de Toledo S. I. (Alcalá de Henares - Madrid);
- ARSI: Archivo Romano S. I. (Roma): Paraquaria – Peru;
- ARV: Archivo Reino de Valencia (Espanha): Conventos, pasta 57;
- BNM: Biblioteca Nacional de Madrid: MS 18.577,21;
- BNP: Biblioteca Nacional de Perú (Lima): secção Manuscritos, vol. 3; 13; Cedulaio Indiano, tomo VII;
- BNRJ: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;
- BO: Boletim de Ocorrência;
- CF: Constituição Federal;
- CIMI: Conselho Indigenista Missionário;
- CNPI: Comissão Nacional de Políticas Indígenas (do Serviço de Proteção ao Índio);
- CODEMAT: Companhia de Desenvolvimento do Estado do Mato Grosso;
- CVU: Colección Vargas Ugarte (Lima);
- DID/DAF: Diretoria Indígena de Desenvolvimento / Departamento de Assuntos Fundiários da FUNAI;
- DPF: Departamento de Polícia Federal;
- FAMATO: Federação Mato-grossense de Agricultores;
- FUNAI: Fundação Nacional do Índio;
- FUNASA: Fundação Nacional de Saúde;
- GEFRON: Grupo Especial de Fronteiras;
- GT: Grupo de Trabalho;
- IAP: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS;
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- IBAMA: Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis;
- INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;
- INDEA: Instituto de Defesa Agropecuária do Estado Mato Grosso;
- INTERMAT: Instituto de Terras do Mato Grosso;
- JFMT: Justiça Federal em Mato Grosso;
- MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário;
- MMA: Ministério do Meio Ambiente;
- MPF/PRMT: Ministério Público Federal / Procuradoria da República em Mato Grosso;
- MUSEF: Museo Nacional de Etnografía y Folklore (Buenos Aires);
- MyC: Moxos y Chiquitos I, II e III; Archivo SJ de Cochabamba;
- NAMEE: Asociación de Apoyo Técnico al Desarrollo Comunal;
- OICH: Organización Indígena Chiquitana (1995);

- ONG: Organização não-governamental (da sociedade civil);
- OTB: Organización Territorial de Base (Bolivia);
- PI: Posto Indígena;
- PPGAS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.
- PROIND: Programa de bolsas da UFMT para estudantes indígenas;
- RAH: Real Academia de la Historia (Madrid): Colección Cortés; Colección General Manuscritos Antonio Rodríguez Vila; Colección Mata Linares; Colección Jesuitas, tomo XII;
- RIHGB: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;
- RIHGMT: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso;
- SECOM: Secretaria de Comunicação do Estado de Mato Grosso;
- SEDUC: Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso;
- SJ: Companhia de Jesus (*Societatis Yesus* / jesuítas);
- SPI: Serviço de Proteção ao Índio;
- STJ: Superior Tribunal de Justiça;
- T. I.: Terra Indígena;
- TCIs: Tierras Comunitarias Indígenas (Bolivia);
- TCOs: Tierras Comunitarias de Origen (Bolivia);
- UAGRM: Universidad Autónoma Gabriel René Moreno;
- UC: Unidade de Conservação;
- UCC: Universidade Católica de Cochabamba;
- UFMT: Universidade Federal do Mato Grosso;
- UNEMAT: Universidade do Estado do Mato Grosso;
- UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

Enquanto penso, com carinho, em todos que me acompanharam neste trabalho, decidi dizer mansamente, em clima de oração, muito particularmente: **Chapye!**

- Aos Chiquitanos presentes nos dois lados da fronteira que me permitiram o acesso ao seu mundo que é um tesouro ainda escondido. Algo do valor de cada um está neste texto, por isso não cito aqui a lista interminável dos seus nomes!

- Ao Professor Sérgio Baptista da Silva, pela orientação nos momentos precisos, também pela sua comunhão com os Chiquitanos.

- À Equipe de Solidariedade aos Chiquitanos que esteve presente comigo em momentos-chaves. Tornamo-nos amigos nos caminhos trilhados juntos. Para Verone Cristina da Silva um abraço de gratidão antropológica, nossos diálogos foram fecundos. Para Marluce Almeida não existem palavras, somente um abraço pode expressar o meu *chapye* único.

- À minha família (alguns mais de perto, outros mais de longe) pelo apoio e dedicação. Levo no coração o cuidado de Angela Maria Pacini Schu cuja leitura dos textos foi muito especial e o incentivo de Adelar Pacini. Quando se está em campo, a torcida é fundamental!

- Aos componentes da Banca de Qualificação (especialmente à professora Denise Jardim, pelas sugestões de mudar a estrutura da tese, o que me desafiou e trouxe novas perspectivas).

- Aos membros do CIMI, especialmente para Giba, Lala e Edina que me acolheram com tanta liberdade em Cuiabá.

- Aos jesuítas: Rogério Mosiman da Silva, você foi sempre um testemunho de dedicação aos pobres que tenho em alta estima! Claudio Pires, Sereno Boesing e João Quirino Weber, ligações fundamentais com a Companhia de Jesus, e Xavier Albó, uma ponte com a Bolívia indígena!

- Ao Monsenhor Carlos Stetter e Ricardo Ortiz pelos auxílios em momentos decisivos e pela sua dedicação ao povo chiquitano.

- Aos amigos antropólogos: Sergio Góes Teles Brissac que me introduziu na Antropologia e ao casal Aislan Melo e Graziela Reis de Sant'Ana, pelos muitos momentos juntos que nos fizeram compreender que somos irmãos!

- Ao Professor Jürgen Riester e APCOB pela dedicação na sistematização dos conhecimentos a respeito aos Chiquitanos.

- A Área Cavalcante Santana, Sieglinde Falkinger e sua equipe do NAMEE que foram fundamentais na conexão com os Chiquitanos na Bolívia, especialmente no aspecto da língua.

- Aos colegas do Departamento de Antropologia da UFMT, à ProPg-UFMT e à CAPES.

- Ao Padre Vylson e às Irmãs Aparecidinhas presentes junto aos Chiquitanos em Porto Esperidião e San Ignacio.

- Ao ex-deputado Federal Carlos Abicalil por ter auxiliado decisivamente para que no dia 30/12/2010 fosse assinada a Portaria Declaratória para a posse permanente dos Chiquitanos e autorizada a Demarcação da Terra Indígena Portal do Encantado que possui 43.067 hectares, entre os municípios de Porto Esperidião, Portes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade.

- Ao Secretário de Educação de Mato Grosso, Ságua Moraes, pela criação da Escola Indígena Chiquitana José Turíbio.

Chiquitano territory and ethnic identity in the frontiers (Bolivia - Brazil) (Résumé)

This work, divided into three parts interwoven with one another, takes the Chiquitano territory as far as it is a tensioned transnational frontiers. This situation is one key element in order to elaborate a correct understanding of resilient ethnic identity of the Chiquitanos. First the work takes in account the geographical, cultural and political constructs as well as the different active subjects in the chiquitano landscape. This way the text shows the *agency* itself of the Chiquitanos that permeates and articulates their personal identities, the care for their churches, for their water sources and streams, for their rituals and their music.

The time of Mission of the Chiquitos (1691-1767) is perceived as a time of great fecundity, a kind of Chiquitano's myth of the origin in various ethnic groups who now live together maintaining common cultures of arts and aesthetic, music, sculptures, paintings, devotions to the Saints. These aspects have been incorporated by Chiquitanos and are already an intrinsic part of the ethnic manifestations such as diacritical marks in the construction of their identities and territories.

These frontiers of identity, which create *networks* of parents and exchanges of goods between the Chiquitanos, are one more element to think about the importance of those ways crossing the frontiers causing tensions and ruptures. The different rituals (*curussé, romarias, festas de Santo*, festivals of chiquitana music) are elements which reveal their identities and constant cultural flows in their traditional territory, especially these flags of struggle of the *curussé* somehow weaving Chiquitano's ethnical identity among them over the frontiers.

The chiquitano ethnic mosaic in the border area is a kind of *patchwork quilt*, a "network" of relationships between tenths of communities in Brazil with others hundreds of communities in Bolivia. Those communities are not isolated, are connected in various ways, paths and roads (highways). The society as a whole participates actively engaging in these social units called as "*nodes-nós*". The way Chiquitanos designate their traditional territory appoints out to the *gift* of water, to the hospitality of strangers, to the tendencies to integrate all in order to find a geographical and social place to live. This way of living and acting gradually changed the Chiquitanos from "owners who care about the land" into sharecroppers on farms or into simple employees.

The Chiquitano's territory can be understood as a place of arrival and departure for themselves. The ethnography of the drama of relationships with farmers, soldiers, traders, and even with other Chiquitanos, characterized by private ownership, shows an intrinsic factionalism that generates a network of communities, exchanges processes and different negotiating issues on each node (*nó*) of this *network*. Those changes do not mean a simple implementation of a *misional pueblo* in rural villages such as Vila Nova Barbecho, Fazendinha, Acorizal or Santa Aparecida. By observing how these villages are organized, this work shows different types of internal relations and to the environment, an *agency* that is present even in the fact that dissident groups elsewhere leave their *pueblos* and create their own communities or villages within their traditional territory.

In this way we come to develop a vision of the traditional chiquitano territory with their own hills, valleys and grooves marked by the waters that fertilizes and give value to the land, that allows the molding of their pots and their own houses. The shaman Lorenzo Ramos Rup and the chiefs expressed clearly that the lands they traditionally occupy, are a *gift* from God, not a private institution. But they respect the limits put by the farmers, even without their consent, because of their feelings of insecurity about the police and the farmers themselves. The way of the Chiquitanos are being ethically educated touches our hearts because they have an historical patience to wait for things to change, in order to avoid from creating conflicts with the farmers or the political boss who have the power to be the "owners" of the land they traditionally occupy.

Identidad étnica y territorio chiquitano en la frontera (Brasil-Bolivia)

Este trabajo, dividido en tres partes que se inter-penetran, toma el territorio chiquitano en la frontera que está en tensión con los territorios transnacionales como elemento fundamental para elaborar una comprensión de la identidad étnica *resiliente* de los Chiquitanos. Primero observa las construcciones geográficas, políticas, culturales y los diferentes sujetos que actúan en este campo de la frontera, así el texto muestra la agencia de los Chiquitanos como una forma de *indigenismo* que comparte y articula sus identidades, el cuidado con sus iglesias, con sus fuentes de agua y los arroyos, sus rituales y sus músicas.

El tiempo de la Misión de Chiquitos (1691-1767) es leído como un tiempo idealizado de gran fecundidad, un mito de origen de los Chiquitanos a partir de diferentes etnias que pasaron a vivir juntas con artes y estéticas propias en la música, en la escultura, en la pintura, en la devoción a los Santos. Estos aspectos que fueron incorporados por los Chiquitanos hacen parte intrínseca de las manifestaciones étnicas accionadas como señales diacríticas en la construcción de sus identidades y territorios.

Las fronteras de identidades en las *redes* de parentesco y de intercambio de bienes entre los Chiquitanos es más un elemento para pensar la importancia de los caminos que cruzan las fronteras, sus tensiones y rupturas. Los diferentes rituales chiquitanos del curussé, de las romerías, de las fiestas de los Santos Patronos y otros elementos revelan sus identidades y los constantes flujos culturales por su territorio tradicional. Las banderas de lucha del curussé elaboran la etnicidad chiquitana en fiesta sin fronteras o modificando-las.

El mosaico étnico chiquitano en la área de la frontera forma una *colcha de retallos* o una red de relaciones entre las docenas de comunidades chiquitanas en Brasil con otras centenas de comunidades en Bolivia. Estas comunidades no están aisladas, al contrario, se conectan de diversas formas, por caminos y carreteras, y la sociedad envolvente participa intensamente de estas unidades sociales concebidas como "nudos". La forma de los Chiquitanos concibieron su territorio tradicional marcado por el don de la agua no excluye lo que llega tiende a integrar-lo, a encontrar un lugar geográfico y social para él. Este aspecto hizo con que los Chiquitanos llegasen paulatinamente de "dueños que cuidan de las tierras" para trabajadores asalariados en las estancias.

El territorio chiquitano puede ser lugar de llegada y de partida en este viaje de retorno de los propios Chiquitanos. La etnografía del drama de las relaciones con personas marcadas por la propiedad privada (los hacenderos, los militares, los comerciantes) y los otros Chiquitanos muestran un faccionalismo intrínseco que genera una red de comunidades y procesos de intercambio y negociaciones diversos en cada *nudo* (local) de esta *red*, sin ser una transposición de los *pueblos* misionales pura y simplemente para aldeas rurales del estudio (Vila Nova Barbecho, Fazendinha, Acorizal, Santa Aparecida), una *agency* que está presente hasta el punto de grupos disidentes dejaren sus *pueblos* y crearen sus comunidades en otros lugares en el interior de su territorio tradicional.

Así llega-se a una visión del territorio tradicional chiquitano con relevos y *estrías* propios marcados por el agua que agrega valor a la tierra, que la fecunda y permite trabaja-la para hacer tinajas y sus propias casas. Con claridad el curandero Lourenço Ramos Rup y los caciques manifiestan que las tierras que ocupan tradicionalmente son un don de Dios, no una propiedad privada negociable, más respetan con detalles la cerca (los deslindes) que el hacendero colocó, mismo sin su consentimiento, por causa de la inseguridad delante de las leyes, de los policiales y de los estancieros. El modo de ser eticamente localizado de los Chiquitanos impresiona porque poseen una paciencia histórica para esperar las cosas cambien, eso para no criaren conflictos con los políticos o el patrón que ahora tiene el poder de ser el "dueño" de la tierra que ellos ocupan tradicionalmente.

(resumo)

Identidade étnica e território chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)

Este trabalho, dividido em três partes que se interpenetram, toma o território chiquitano na fronteira em tensão com os territórios transnacionais como elemento fundamental para elaborar uma compreensão da identidade étnica *resiliente* dos Chiquitanos. Primeiro observa as construções geográficas, políticas, culturais e os diferentes sujeitos que atuam nesta fronteira. Assim mostra a agência própria dos Chiquitanos dita *indigenismo* que perpassa e articula suas identidades, o cuidado com suas igrejas, com suas fontes de água e os córregos, seus rituais e suas músicas.

O tempo da Missão de Chiquitos (1691-1767) é percebido como um tempo idealizado de grande fecundidade, uma espécie de mito de origem dos Chiquitanos em diversas etnias que passaram a viver juntas com artes e estéticas próprias na música, na escultura, na pintura, na devoção aos Santos. Estes aspectos que foram incorporados pelos Chiquitanos já fazem parte intrínseca das manifestações étnicas acionadas como sinais diacríticos na construção de suas identidades e territórios.

As fronteiras de identidades nas *redes* de parentesco e de intercâmbio de bens entre os Chiquitanos são mais um elemento para pensar a importância dos caminhos que cruzam as fronteiras, suas tensões e rupturas. Os diferentes rituais chiquitanos do curussé, das romarias, das festas de Santo e outros elementos revelam suas identidades e os constantes fluxos culturais pelo seu território tradicional. As *bandeiras de luta* do curussé elaboram a etnicidade chiquitana em festa sem fronteiras ou modificando-as.

O mosaico étnico chiquitano na área de fronteira forma uma *colcha de retalhos* ou uma rede de relações entre as dezenas de comunidades chiquitanas no Brasil com outras centenas de comunidades na Bolívia. Estas comunidades não estão isoladas, pelo contrário, se conectam de diversas formas, por caminhos e estradas (carreiras), e a sociedade envolvente participa intensamente destas unidades sociais concebidas como “*nós*”. A forma dos Chiquitanos conceberem seu território tradicional marcado pelo dom da água não exclui o que chega, mas tende a integrá-lo, a encontrar um lugar geográfico e social para ele. Este aspecto fez com que os Chiquitanos passassem gradativamente de “donos que cuidam das terras” para meeiros ou simplesmente empregados nas fazendas.

O *território chiquitano* pode ser lugar de chegada e/ou de partida para esta “viagem de volta” através da etnografia do drama das relações com pessoas marcadas pela propriedade privada (fazendeiros, militares, comerciantes) e os outros Chiquitanos num faccionalismo intrínseco que gera uma rede de comunidades e processos de intercâmbio e negociação diversos em cada *nó* (local) desta *rede*. Não se trata de uma transposição dos *pueblos misionales* pura e simplesmente para as aldeias rurais que estudo (Vila Nova Barbecho, Fazendinha, Acorizal ou Santa Aparecida), mas de uma *agency* que está presente no fato de grupos dissidentes deixarem seus *pueblos* e criarem suas comunidades no interior do seu território tradicional com características que as identificam como Chiquitanos.

Com isso elabora-se uma visão a respeito do território tradicional chiquitano com relevos e estrias próprios marcados pela água que dá valor à terra, que a fecunda e permite moldá-la para fazer seus potes e suas casas. Com clareza o pajé Lourenço Ramos Rup e os caciques têm manifestado que as terras que ocupam tradicionalmente são um *dom de Deus*, não uma propriedade privada comerciável. Contudo, respeitam com detalhes a cerca (os limites) que o fazendeiro colocou, por causa da insegurança diante das leis dos policiais e dos fazendeiros. O modo de ser eticamente localizado dos Chiquitanos impressiona porque possuem a paciência histórica para esperar as coisas mudarem, isso para não criarem conflitos com os políticos ou os patrões que tomaram o poder de serem os “donos” da terra que eles ocupam tradicionalmente.

Identidade étnica e território chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I – BATEU A CAIXA, O BUGRE PULA! Tensões na fronteira chiquitana	34
1 – A memória oculta das origens num Estado imaginado	35
1.1 – Rituais de territorialidade e indigenismos	38
1.2 – Os bugres na Fronteira	42
1.3 – Danças e ritmos em território chiquitano, adesões e resistências	45
1.3.1 – O sinal diacrítico do <i>curussé</i> chiquitano	52
2 – Indigenismos na Fronteira	56
2.1 – Indigenismos oficial e não oficial	62
2.2 – O indigenismo do antropólogo jesuíta	63
2.3 – Indigenismo dos Chiquitanos: aldeias Vila Nova Barbecho, Fazendinha, Nochopro Matupama, Acorizal e Santa Aparecida	70
2.3.1 – Ser ou não ser índio, eis a questão!	71
2.3.2 – Entre a lei e a justiça: o acesso ao campo jurídico!	73
3 – O território por dentro e por fora	79
3.1 – Cosmovisão nativa do território chiquitano: a terra é mãe! / a água é mãe!	81
3.1.1 – O território chiquitano visto a partir do Brasil	87
3.1.2 – Vila Bela e as Províncias de Mojos e Chiquitos	89
3.2 – Raízes chiquitanas	102
3.2.1 – A formação da Chiquitania por diferentes etnias	104
3.2.1.1 – As diferentes etnias na Chiquitania	110
3.2.2 – Missões de Chiquitos	125
3.2.2.1 – Dez <i>Pueblos</i> em Chiquitos	126
3.2.2.2 – Introdução à música na Missão de Chiquitos	135
3.2.2.3 – Os jesuítas se prepararam para entrar na Missão de Chiquitos, mas não estavam preparados para sair	139
3.3 – Depois dos jesuítas	145
3.3.1 – Mapas da Fronteira	166
3.3.1.1 – Alguns mapas mostram as fronteiras, outros as escondem!	191
3.3.1.2 – Mapeando os censos populacionais e as divisões da Chiquitania em diferentes Províncias e <i>Pueblos</i>	204
3.3.1.3 – Das margens do Guapay ao Aguapey, do ocidente para o oriente	222
3.3.1.4 – Chiquitos entre a <i>Provinciae Paraguariae</i> e <i>Mojos</i>	228
3.3.1.5 – Estratégias chiquitanas de conquista da terra no Brasil	229
3.3.2 – A oficialidade da Comissão de Limites Brasil - Bolívia	231
3.3.2.1 – O caso da Missão de Santa Ana nas fronteiras com o Brasil	237
3.3.3 – Fronteiras de identidade	242
3.3.3.1 – Noções de identidade	250
3.3.3.1.1 – A base da língua chiquitana: as mulheres	253
3.3.3.1.2 – A língua geral Chiquitana dos homens passou para os rituais e a escrita	256
3.3.3.2 – Identidade na Fronteira	260
3.3.3.3 – Identidade elaborada na relação com o outro	264
3.3.3.3.1 – Carteira de identidade chiquitana	269
II – OS CHIQUITANOS NO BRASIL	273
1 – Uma <i>rede</i> chiquitana de “aldeias” na fronteira	275

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

